

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PRODUÇÃO CULTURAL

MARIANA PIETROBON GOMES LESSNAU

O RESPIRAR QUE URGE
HISTÓRIAS, POESIAS E VIVÊNCIAS, UM OLHAR POÉTICO SOBRE O MUNDO

NITERÓI
2019

MARIANA PIETROBON GOMES LESSNAU

O RESPIRAR QUE URGE

HISTÓRIAS, POESIAS E VIVÊNCIAS, UM OLHAR POÉTICO SOBRE O MUNDO

Monografia Projetual apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como pré-requisito para obtenção do Grau de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Marildo José Nercolini

NITERÓI
2019

MARIANA PIETROBON GOMES LESSNAU

O RESPIRAR QUE URGE

HISTÓRIAS, POESIAS E VIVÊNCIAS, UM OLHAR POÉTICO SOBRE O MUNDO

Monografia Projetual apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como pré-requisito para obtenção do Grau de Bacharel.

Aprovada em ____ de _____ de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marildo José Nercolini
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Leonardo Caravana Guelman
Universidade Federal Fluminense

Prof. Luiz Carlos Mendonça
Universidade Federal Fluminense

NITERÓI
2019

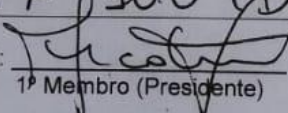
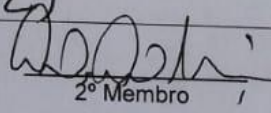
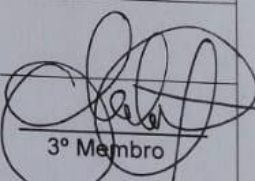


SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DA GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL - GGR

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato: MARIANA PIETROBON GOMES LESSNAU	Matricula: 010 33 044
Título do Trabalho: "O RESPIRAR QUE URGE - HISTÓRIAS, POESIAS E VIVÊNCIAS. UM OLHAR POÉTICO SOBRE O MUNDO."	
Orientador(a): Dr. Marildo José Nercolini	
Categoria: Monográfico	Data da Apresentação: 19/07/2019

BANCA EXAMINADORA
1º Membro (Presidente): Dr. Marildo José Nercolini
2º Membro: Me. Luiz Carlos Mendonça
3º Membro: Dr. Leonardo Caravana Guelman

AVALIAÇÃO:
Análise / Comentário O trabalho apresentado pela aluna dá conta da capacidade como produtora cultural e como poeta. E, ao mesmo tempo, um trabalho enraizado, propondo questões fundamentais de reflexão que vão além do projeto. A banca também destaca que a consistência do material apresentado aponta para uma multiplicidade de ações dele esente profunda. Escrevivências...
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora): NOTA 100 (DEZ)
ASSINATURAS:  1º Membro (Presidente)  2º Membro  3º Membro

Dedico à minha família, por terem sido a base para a construção dos meus afetos e do meu olhar poético, e especialmente à ela, à minha Angela, que com seu modo questionador e sábio, me permitiu a liberdade e a leveza necessárias para que desenvolvesse o meu modo particular de observar, analisar e traduzir o mundo. Ela hoje vive em mim e me sopra seus conselhos e recados aos ouvidos sempre que preciso.

Beijo mãezinha.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos aos mestres que me trouxeram até aqui: Marildo, que me fez acreditar na minha escrita e aceitou embarcar na realização deste sonho, aos 40 minutos do segundo tempo e me orientar até o ponto de chegada; Leonardo, que esteve lá desde o início, me mostrou os caminhos do conhecimento e me possibilitou ser e me enxergar como a profissional que me tornei; à Vanessa, por ser inspiração para minha poesia e vida, e me mostrar a minha força; ao Luiz, por me oferecer seu afeto e sensibilidade; à Juliana, Lanuza, Christiane, Mariana, Bina, Carolina e Renata, meus melhores encontros pelos caminhos Iacsianos; à Marina e Flávia, que generosamente me abriram os caminhos para que finalizasse essa longa jornada; à Márcia e Sol, que me mostraram o caminho de volta, e me empurraram carinhosamente para ele; e por fim, a todos os afetos e amores que construí por cada um dos meus caminhos. Todos moram em mim.

RESUMO

LESSNAU, Mariana Pietrobon Gomes. *O RESPIRAR QUE URGE: HISTÓRIAS, POESIAS E VIVÊNCIAS, UM OLHAR POÉTICO SOBRE O MUNDO*. 2019. 42 f. Monografia Projetual (Graduação em Produção Cultural) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

O RESPIRAR QUE URGE é minha Monografia Projetual de final do curso de Produção Cultural. É um projeto de criação, editoração, edição e lançamento do meu primeiro livro de poesias e a proposição da construção de um olhar diferenciado sobre o mundo, sobre a vida. Mais ainda do que uma monografia é um projeto de vida. O fim de um ciclo que durou 18 anos e que se encerra com a produção do meu primeiro livro. É uma oferta para o mundo de um pouco de toda a beleza, todas as tristezas, todos os desafios e todos os afetos que tive a oportunidade de receber pelos meus caminhos e encontros, que me impregnaram da matéria que usei para construir o meu olhar e produzir poesia. É uma provocação, uma proposta para que aprendamos a mudar o referencial, a olhar de outra forma para o mundo, para o que ele tem a nos oferecer, que está escondido em cada passo ou desafio. Mudar o foco, ampliar o campo de visão, perceber o detalhe, respirar fundo e mergulhar de cabeça, pode ser doloroso, mas o resultado é aliviante. Um respirar, que urge.

Palavras-chave: escrevivência; expressão poética; vivências; olhar poético; inovação tecnológica

ABSTRACT

LESSNAU, Mariana Pietrobon Gomes. *O RESPIRAR QUE URGE: HISTÓRIAS, POESIAS E VIVÊNCIAS, UM OLHAR POÉTICO SOBRE O MUNDO*. 2019. 42 f. Monografia Projetual (Graduação em Produção Cultural) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

THE BREATH THAT URGE, is my Project Monograph of the end of the course of Cultural Production. It is a project of creation, editing, editing and launching of my first book of poetry and the proposition of the construction of a differentiated look on the world, on life. Even more than a monograph is a life project. The end of a cycle that lasted 18 years, ending with the production of my first book. It is an offer to the world of a little of all the beauty, all the sorrows, all the challenges and all the affections that I had the opportunity to receive through my ways and encounters, that impregnated me with the material that I used to build my look and to produce poetry. It is a provocation, a proposal for us to learn to change the referential, to look at the world differently, to what it has to offer us, that is hidden in every step or challenge. Changing the focus, widening the field of vision, perceiving the detail, breathing deeply and diving in the head can be painful, but the result is soothing. A breath, that urges.

Keywords: escrevivência; poetic expression; experiences; poetic look; technologic innovation

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Poema em guardanapos.....	28
Figura 2 – Poesia de Isaias Magiezi Junior.....	29

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO TEÓRICA	11
1.1. Minha escrita como expressão e encontro, como “escrevivência”	11
1.2. Conceição Evaristo, Gloria Anzaldúa e Manoel Barros, a escrita como expressão de nossas vivências.....	18
1.3. A possibilidade de construção de um olhar poético, um reencontro com a poesia do mundo	23
1.4. A poesia e a internet - Maior alcance, novos usos e visibilidade ampliada	26
2. PROJETO	32
2.1. Apresentação.....	32
2.2. Objetivo principal.....	32
2.3. Objetivos específicos.....	33
2.4. Justificativas.....	33
2.5. O livro	37
2.6. O lançamento	37
2.7. Estratégias de ação	38
2.8. Captação de recursos	38
2.9. Retorno aos investidores	38
2.10. Orçamento	40
2.11. Cronograma.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

1. INTRODUÇÃO TEÓRICA

1.1. Minha escrita como expressão e encontro

O RESPIRAR QUE URGE

Mergulho profundo nos mistérios do universo
onde são encontradas todas as perguntas
ar, não nos falta
apenas o respirar, que urge.
E o mergulho se torna vôo
e o vôo, planar
de paz infinita
as respostas, não mais interessam
as perguntas, tornaram-se companheiras voadoras.
Voam ressoando suas dúvidas
a quem as quiser duvidar
e delas semeiam o espaço,
campos floridos de atos
que colhidos realizam
cada passo,
cada caminho,
cada respirar,
que urge.

(PIETROBON)¹.

A escrita sempre esteve presente em minha vida. Desde que sou capaz de recordar, estive cercada de livros, papéis e canetas, lendo e escrevendo. Até hoje encontro em caixas e baús onde guardo minhas memórias, cartas, bilhetes, diários, pedaços de pensamentos rabiscados, expressados e guardados por uma necessidade tão pura quanto urgente, que sempre tive, de me expressar da forma mais plena possível. Mesmo hoje, quando tenho algo importante a dizer, algo que me fala tão fundo, que me afeta e abala, escrevo antes. É, para mim, a maneira mais pura, mais verdadeira e mais clara que tenho, de me expressar.

Este projeto pretende a produção e edição do meu primeiro livro de poesias —*O respirar que urge*—, o primeiro dos livros que pretendo escrever e publicar, apesar de não ser o primeiro a começar a ser escrito por mim.

Por diversas vezes comecei a escrever livros, a registrar lembranças em vivências, em simples anotações, até começar a transformá-las em histórias, contos, textos de ficção ou poesias perdidas nos cadernos que volta e meia venho visitar. Há alguns anos, por exemplo,

¹ Poesia de minha autoria, ainda não publicada. Ela faz parte do meu livro, proposto neste projeto. Todos os casos seguintes que tiverem minha autoria e nenhuma nota de rodapé se referem a publicações desse mesmo livro.

comecei a escrever uma ficção infanto-juvenil chamada *A bruxa da casa ao lado*, recheada de fantasia e profundamente inspirada na minha infância, nas pessoas, lugares, histórias e memórias um tanto quanto mágicas de uma infância muito rica, cheia de liberdade, muita fantasia, de grandes histórias e de personagens inspiradores. Este livro chegou a ter mais de 12 capítulos escritos e será retomado por mim em algum momento, pois me transcende, como um transbordo do que tenho em mim guardado, e merece ser lido e inspirar, quem sabe, outras infâncias mágicas como foi a minha.

E ali bem do outro lado da rua, morava A BRUXA. Era uma casa de madeira, muito velha, pequena e com a pintura descascando, as janelas, também de madeira, eram azuis, assim como a estreita porta da frente. Do telhado saía uma pequena chaminé que parecia estar sempre a soltar uma fumaça preta e com cheiro estranho. No jardim havia algumas flores desbotadas, roseiras malcuidadas com algumas poucas flores vermelhas e brancas parecendo bagunçadas e com muitos espinhos, havia também duas árvores quase secas, com os galhos apontando para o céu e recortando-o. Confesso que gostava delas, as achava bonitas assim, retorcidas e certamente com muitos anos de vida, imaginava quantas pipas já haviam se prendido em seus galhos e se algum dia já haviam sido verdes e mais vivas.

A bruxa, quase não víamos. Sabíamos que tinha uma horta e vendia temperos para nossas mães. Uma ou duas vezes tive eu mesma que ir comprá-los para a minha, com um medo que nem sei como descrever. Só a víamos nesses dias e quando saía para comprar alguma coisa, o que não acontecia muito, sempre com aquele andar vacilante e um xale verde nas costas, estivesse frio ou não, e com sua sacola vermelha que, desconfiávamos, carregava os ingredientes para seus feitiços.

Volta e meia caía uma bola ou uma pipa nossa em seu quintal, mas tínhamos medo de pegar de volta e a brincadeira acabava ali. Sempre me perguntei o que acontecia com aquelas coisas perdidas, pois não as víamos mais no quintal e nem a víamos pegá-las. Era um grande mistério para nós, assim como seu nome: nunca soubemos. Minha mãe a chamava de Dona Coisinha e não me lembro de ter ouvido alguém chamá-la de outro nome.

Isso até aquele dia.

Eu voltava da escola, como sempre, pelos trilhos da ferrovia, catando pedrinhas e jogando no córrego que passava ao lado.

Assim, meio andando, meio saltitando — era assim que eu andava — seguia meu caminho até que, quase em casa, esbarrei com a Dona Coisinha. Dei um pulo pra trás, tropecei e quase cai no córrego. Ela veio em minha direção, com uma careta que me deu mais medo ainda. Meu coração parecia que ia sair pela boca e quase não consegui me mexer ou reagir. Fiquei ali, no chão, parada. Então, ainda com a careta, ela me estendeu sua mão e me ajudou a ficar de pé. Só então percebi que a careta era um sorriso — era como ela sabia sorrir — mas ainda desconfiada esperei-a dizer alguma coisa.

— Olá minha filha, será que você pode me fazer um favor? Disse ela.

— Ahã. Foi só o que consegui dizer.

(PIETROBON)².

Cresci no sul do país, em uma cidadezinha à beira mar, chamada Antonina. Cidade localizada no litoral norte do estado do Paraná, a 82 km da capital, Curitiba. Região de estuário, de natureza fértil e exuberante.

Por crescer em um lugar como esse, onde todos se conhecem, cresci em meio a diversas e variadas referências. Talvez pela construção de suas origens, que se deram através da mistura entre os povos indígenas, originários da região, a colonização portuguesa iniciada no séc. XVI, e os povos africanos escravizados, trazidos pelos portugueses, Antonina tornou-se um caldeirão cultural repleto das mais variadas linguagens artísticas e culturais.

Filha de classe média universitária, mãe arquiteta, criada por pais religiosos moradores da zona sul do Rio de Janeiro, pai biólogo, professor de escola pública, vindo de família simples de subúrbio Curitibano.

Apesar de ter nascido no sul do país, região predominantemente de colonização branca e europeia, em Antonina a mistura índio, branco e negro dominava, em todas as suas variações, produzindo uma população totalmente mestiça e com uma cultura influenciada por cada uma dessas origens.

Cresci em um bairro simples, chamado Caixa D'Água. Vivendo no conforto de uma casa boa, em uma pequena chácara, cercada de todos os privilégios que uma família de classe média era capaz de proporcionar e ao mesmo tempo rodeada de pessoas simples, vindas de famílias pobres, de realidades bem diversas à minha e que fizeram parte da construção do meu mundo, como parte da minha família, da imensa família afetiva que acabei construindo em cada um dos meus caminhos. E, hoje, percebo, que essa infância, essas vivências, e a pessoa incrível que me criou, que me ensinou cada um desses valores que para mim sempre foram absolutamente naturais, minha mãe, me possibilitaram a construção de um olhar poético sobre o mundo, de um olhar que me permite ver a realidade, analisá-la, entendê-la, procurar e encontrar nela, em cada uma dessas realidades, um propósito, um caminho para o futuro, e uma beleza a reproduzir e espalhar.

Dentro do terreno onde morávamos, morava também uma família, que já estava lá quando meus pais compraram o terreno, e a quem permitiram que ficassem. Nunca foram nossos empregados ou cuidadores do que era nosso, eram amigos, vizinhos, e se tornaram minha família.

² Trecho do livro *A bruxa da casa ao lado*, de minha autoria, ainda não publicado.

Eles moravam em uma casa muito simples, feita de tábuas de madeira, erguidas do solo “sobre pequenos pilares para evitar a umidade”³, para que a madeira não apodrecesse. A maioria das casas simples no sul do país são construídas dessa forma. O chão era de cimento, pintado de vermelho e, na cozinha, um imenso fogão a lenha reinava. Não me lembro de jamais ter visto naquela casa um fogão a gás ou um chuveiro elétrico. Luz era usada somente para iluminar a casa à noite e ligar a TV no final do dia. No verão o banho era de bica, do lado de fora, no meio da vegetação de mata atlântica e em cima de um estrado de madeira, colocado estrategicamente ali. No inverno o banho quente era em uma bacia, no meio da cozinha, perto do fogão a lenha, que também aquecia o ambiente.

Como eu amava tomar esses banhos, o de bica e o de bacia, com Dona Delfa, a matriarca da família, me ajudando a desembaraçar meus cabelos encaracolados. Era dela a minha comida favorita, o feijão feito no fogão a lenha, de sabor inconfundível. Sua risada, fina e rouca ao mesmo tempo, o cheiro da casa, defumada pela fumaça do fogão, permanecem em minhas lembranças de forma muito vívida, sinto-os até hoje, só em pensar. Minha terceira avó, Dona Delfa era a ternura em pessoa, de colo imenso, e carinho infinito, e que sabia ser brava quando necessitava, principalmente com os filhos. Sempre que eu cortava meus cabelos, pedia ao cabeleireiro para separar três cachinhos, um para minha mãe, um para minha madrinha e um para Dona Delfa. Soube que ela os guardava consigo até sua morte.

Angelicia era uma de suas filhas, e tinha uma relação muito próxima com minha mãe e comigo. Grandes amigas é o que eram, se tornou minha mãe também, uma mãe muito divertida, de abraço gigante, colo pronto, e riso grande, profundo. Me deu minha irmã mais nova, Sônia Mara. Inseparáveis, estávamos sempre juntas, na casa delas para os banhos de bica, na minha para as brincadeiras com os meus brinquedos, nas coreografias que inventávamos em tardes tediosas, nas invenções que criávamos juntamente com outras crianças da vizinhança. Fazer comidinha no quintal era uma delas, construíamos um fogãozinho de tijolos, e ali cozinávamos nossa própria comida, de verdade. Nos queimamos algumas vezes, mas isso não nunca nos impediu de querer fazer novamente. Árvores eram nosso refúgio, o bambuzal nosso caça tesouros, onde encontrávamos ovos quentinhos recém colocados pelas galinhas perdidas da vizinhança.

Dona Zulmira, trabalhava na minha casa. Pequena, magrinha, de risada aguda e cheiro de canela, Zuca, como a chamávamos, era descendente de indígenas e me ensinou a amar a cozinha, a conhecer temperos e ervas. Farinha de mandioca, para ela, era item obrigatório em

³ Disponível em: <https://sites.unicentro.br/jornalagora/a-cultura-das-casas-de-madeira/>. Acesso em: 3 jul. 2019.

toda refeição, e a permitia, às vezes, comer com as mãos a comida que, ajudada pela farinha, “ajuntava” com os dedos.

Tantas outras pessoas, tantas influências, tantas histórias vivenciei nesse lugar, com essas pessoas e com muitas outras.

Lembro que eu costumava dizer que, quando crescesse, queria ser dona de circo e palhaça, o que, traduzido para a minha realidade atual, acabei realizando, pois como produtora cultural, organizo, produzo, viabilizo a realização de projetos, meus ou de outras pessoas, e “dona de circo” se encaixa bem nesse perfil, e como poeta, me exibio, me exponho, mostro para o mundo facetas escondidas, lágrimas e risadas internas, questionamentos, “palhaça” em sua forma mais essencial.

O que seria o palhaço ou *clown*, senão um poeta? Um observador e tradutor do mundo, um desconstrutor de significados?

Esta combinação do cômico e do trágico acentua a percepção de emoções contrapostas e é muito peculiar ao clown. Para Shklovski, o clown faz tudo seriamente. Ele é a encarnação do trágico na vida cotidiana; é o homem assumindo sua humanidade e sua fraqueza e, por isso, tornando-se cômico (HISTÓRIA..., 2010).

Nesse universo onde cresci, que exponho aqui como uma reflexão de onde encontrei elementos para a construção de um olhar poético, do meu olhar poético, de uma visão sobre o mundo, sobre as pessoas e sobre cada lado obscuro e/ou belo da vida, encontrei uma fonte inesgotável de referências e de inspirações para minhas poesia e postura diante do mundo e da vida.

Cheiros, memórias, sabores, lendas, histórias, superstições, cresci cercada de muitas. O sabor de uma pitanga madura colhida do pé; ser criança, pular da cama pelas manhãs e sair para o quintal para colher meu café da manhã; mula sem cabeça, tesouros piratas, saci, lobisomem, todas essas histórias eram críveis no universo em que eu vivia. O sétimo filho homem da vizinha era lobisomem. E, quando ao longe, ouvia-se um uivo, de cachorro, de lobo, fosse em lua cheia ou não, acreditávamos piamente ser o menino transformado em lobisomem.

Esse local, essa época, essas pessoas tão cercadas de poesia, de beleza e da leveza com que a vida era levada ali, naqueles dias, que histórias como a do meu avô Claudinho, que minha mãe contava ter sido um homem severo, duro, amargo, padre reformado, me parecia tão irreal, porque após morar conosco por alguns anos, ele havia se tornado o homem mais doce, carinhoso e leve que eu jamais conheci. Foi nessa época que percebi, a leveza, uma vida

mais cheia de poesia, tem a capacidade de transformar pessoas, que torná-las a sua melhor versão.

Eu estudava na escola pública local. Apesar de haver escolas particulares na cidade e podermos pagá-las, a escola pública foi onde me senti à vontade, onde minha mãe preta Angelícia era a merendeira, onde minha irmã Sonia podia passar os recreios comigo, onde eu podia ter a liberdade de ir e vir saltitando pelos trilhos do trem da ferrovia que levava mantimentos ao porto da cidade. Em várias ocasiões, voltando para casa caminhando ou saltitando, como eu gostava, encontrava com meu amigo carroceiro, morador também do bairro da Caixa D'Água, que me oferecia carona. Eu sempre aceitava e ia sentada a seu lado, contando e ouvindo muitas histórias. A carona não me fazia chegar em casa mais rápido, pois a carroça era puxada apenas por um pequeno cavalo, mas o caminho se tornava muito mais divertido com o papo com o meu amigo, de quem infelizmente não me lembro mais o nome.

Felizmente, em meus caminhos, sempre houve também, além de pessoas incríveis, uma natureza exuberante e acessível. O mar, um mar de baía, de água salobra e escura pela presença de todos os manguezais, a mata atlântica, de uma região que é até hoje a maior faixa contínua de mata atlântica, com a preservação de diversas espécies ameaçadas de extinção. Região de estuário, de hábitos caiçaras preservados, de gastronomia tradicional e única, onde a riqueza local ainda é principalmente a sua tradição, a sua cultura. Entre minhas brincadeiras favoritas, estava, por exemplo, tomar banho de rio, subir em árvores, fazer trilhas no meio do mato e encontrar lugares escondidos, tomar banho de mar e catar mini caranguejinhos no mangue com os amigos, brincar na rua, de bola, de pipa, de pique esconde, de contar histórias.

QUANDO

Quando o mundo ainda era pequeno
e eu podia descobrir todos os lugares,
Quando a vida parecia muito longa
e eu sonhava em ser bailarina,
Quando os sonhos eram multicoloridos
E os desejos, lagos de chocolate,

Eu corria,
Eu cantava,
Eu sonhava,

E o mundo girava lentamente,
E a vida passava saltitante,
E os sonhos aconteciam, certamente

Quando tudo aconteceu depressa demais,
Quando a vida se mostrou incompleta e meio incerta,

Quando os sonhos se tornaram planos, metas,

Olhei pra trás,

Lembrei de mim e senti saudades,
olhei o mundo e estava mais nítido,
senti a vida e não encontrei verdades.

Então, vi o mundo com olhos tranquilos,
Vivi os dias intensamente, com todos os sentidos,
Procurei sonhos antigos, e os achei, perdidos!

(PIETROBON).

Sair desse universo foi muito doloroso para mim. Quando eu tinha 12 anos, nos mudamos para Nova Friburgo, no estado do Rio de Janeiro, e durante a adolescência e o início da idade adulta lutei, pela primeira vez, com uma depressão que me fez desconectar daquela pessoa que eu havia construído durante a infância, e nessa época eu sequer sabia como chamar esse sentimento, essa paralisia que tomava conta de mim. Passei anos lutando contra tristezas, inseguranças, depressões, sentimentos de inadequação a um mundo onde eu nunca de fato me senti inserida. Esse processo todo me fez acessar um lado meu nada bonito ou agradável, mas totalmente parte da construção do meu olhar, da minha poesia, afinal, para mim a construção de um olhar poético passa também por acessar as nossas escuridões, visitá-las, conhecê-las, vivê-las e transformá-las em clareza, em visão de si, em olhar mais compreensivo para o outro, em reconhecimento de si no mundo.

Entender que o meu mundo é a construção de quem eu desejo ser, do que desejo construir e de como utilizar o conhecimento, as vivências e ferramentas que possuo para isso, é entender que sou feita das experiências que vivi, dos sentimentos e sensações que me permiti criar, e de como usei cada uma dessas coisas para me transformar. Meu mundo está em cada poesia, em cada rabisco, em cada bilhete que escrevi.

Não por acaso, este projeto, este livro que conterà textos, pensamentos, poesias, partes do meu processo de análise, de mim e do mundo, resultado de um olhar poético particular construído ao longo dos anos, também foi a minha escolha para o trabalho de finalização de curso desta graduação em produção cultural. Um processo iniciado há 18 anos, conturbado, tenso e traumatizante, mas também de imenso crescimento pessoal, profissional e emocional, que me trouxe até esse momento, em que me sinto pronta e capacitada para, finalmente, finalizar este ciclo.

Fui selecionada para o curso de Bacharel em Produção Cultural, no primeiro semestre de 2001, após realizar uma prova de mudança de curso. Eu era, então, aluna do curso de Farmácia, e há algum tempo já havia percebido que aquele não era o caminho certo para mim.

1.2. Conceição Evaristo, Gloria Anzaldúa e Manoel Barros, a escrita como expressão de nossas vivências

Parando para pensar, hoje, em como sempre estive cercada dessas referências todas, dessas pessoas e principalmente de todas estas mulheres incríveis, potentes, fortes, periféricas e empoderadas, ao lado de quem eu cresci, em um tempo e lugar onde esse termo não era conhecido ou utilizado para descrever o ser feminino e todo o seu potencial, à luz da construção de um feminismo periférico e, principalmente, negro.

Não quero entrar nesse tema aqui, principalmente por não ser esse o meu lugar de fala pois, apesar de ter crescido rodeada de mulheres negras incríveis, de participar de sua vida, de suas falas e questões, nunca cheguei a sentir na pele e vivenciar o que é ser uma mulher negra e periférica. Vou, por isso, me ater ao que nos aproxima poeticamente falando.

Jamais pensei nas experiências que tive por este viés feminista ou racial, sequer acreditava que minha escrita vinha de algum lugar construído por essa memória infantil, apenas percebia que havia vivenciado experiências incríveis, e que isso havia moldado meu pensamento de uma forma singular e irreversível.

Já na faculdade, no meu retorno a ela após quase 10 anos de afastamento, esbarrei em textos que me tocaram profundamente, em falas de mulheres incríveis, que falavam de dor, de privação, de tristeza, de amor imenso, tudo dito a partir de um lugar que me soava muito íntimo.

Encontrei na escrita de mulheres como Conceição Evaristo e Glória Anzaldúa, um ponto de encontro, um quê de familiaridade. Nunca vivi as privações que descrevem tão lindamente, com tanta potência e tristeza, mas reconheço em sua fala, vejo em cada uma de suas vivências e lembranças, aquelas mulheres que me amaram e foram também, sempre serão profundamente amadas por mim. Mulheres que dividiram comigo toda a sua sabedoria e ternura, toda a sua força, toda a sua altivez e toda a sua imensa poesia. Ao mesmo tempo, encontro com a magia e lirismo de Manoel de Barros, um homem que, em seu transbordar poético, pode ser definido mais do que como poeta, Manoel é também poesia.

O que tenho em comum Anzaldúa e Evaristo, ambas mulheres fortes, com questões identitárias, raciais e feministas alicerçando sua escrita? O olhar poético, sobre a vida, sobre

as belezas e sobre os escombros do mundo, o escrever a partir do que se viveu, do que te tocou tão profundamente que precisa ser “dito” e externado de alguma forma para que, assim, comece a ser superado. A escrita para mim, é uma questão de sobrevivência, da possibilidade de respirar. Vejo essa urgência também em ambas.

Glória Evangelina Anzaldúa, feminista, chicana (como são denominados imigrantes de origem mexicana, nascidos nos Estados Unidos) e lésbica. Anzaldúa foi um dos nomes mais importantes no surgimento da discussão sobre diferenças no feminismo norte-americano.

Co-organizadora de uma das mais importantes antologias emblemáticas do feminismo da diferença, *This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color*,² Anzaldúa trouxe, a partir de seu lugar de escritora chicana às margens do cânone, intervenções das mulheres feministas de cor, lésbicas, judias e mulheres do Terceiro Mundo, entre outras, para o centro do debate feminista norte-americano, até então dominado pela miopia das feministas consideradas brancas, anglófonas, heterossexuais, protestantes e de classe média (COSTA; ÁVILA, 2005, p. 692).

Escritora de peças de teatro, poemas, contos, romances e autobiografias, Anzaldúa produz uma literatura questionadora, desafiadora dos padrões impostos. Em seu texto “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”(2000), ela diz “Eu, por exemplo, me tornei conhecedora e especialista em inglês, para irritar, para desafiar os professores arrogantes e racistas que pensavam que todas as crianças chicanas eram estúpidas e sujas” (ANZALDÚA, 2000, p. 229-230).

O que me aproxima de sua escrita, além de suas ideias, é a contestação à forma, à busca da valorização de uma construção identitária na sua criação literária, de uma escrita que vai traduzir o ser singular e ao mesmo tempo múltiplo que foi, e valorizar com isso, cada traço de sua formação, composta de todas as referências e aspectos que a constituíram.

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu *escreverei*, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho

um medo maior de não escrever (ANZALDÚA, 2000, p. 232, grifo da autora).

Demorei a acreditar que havia valor no que eu sentia e escrevia. No que acreditei ser a vida toda um processo de fuga, um lugar onde me esconder da realidade, descobri que não... nunca foi fuga o que procurei na minha escrita, nem de mim e muito menos da realidade. Era encontro, conexão com a minha realidade e construção de uma base. Espelho onde eu era capaz de me olhar inteira, encontro com a essência tão negligenciada e esquecida em um dia a dia em que eu sempre havia buscado me encaixar nas “caixinhas” disponíveis. Nunca achei uma em que coubesse, resolvi construí-la, “colocar ordem no mundo”, como bem diz Anzaldúa, no meu mundo, assumir meus processos pessoais de construção e de depuração de mim mesma.

Descobrir Conceição Evaristo, foi como descobrir uma tradução para a minha escrita, para o porquê encontro nela, resposta para os meus anseios e alívio para as minhas dores. Descobri então que realizo no meu escrever, o que Conceição vai chamar de “escrevivência”. O termo e o conceito por detrás dele foram para mim uma verdadeira libertação, um achado que me levou a repensar toda a minha relação não apenas com a minha escrita, mas também com a escrita dos autores de quem eu bebia.

Conceição Evaristo (Maria da Conceição Evaristo de Brito), escritora, negra, nascida em Belo Horizonte no ano de 1946, migrou para o Rio de Janeiro aos 24 anos de idade, Professora, Graduada em letras pela UFRJ, Mestre em Literatura pela PUC RJ, doutora em literatura comparada pela UFF, vencedora do prêmio Jabuti, pelo livro *Olhos D'água*, em 2004. “Eu só publiquei a primeira vez em 1990, nos “Cadernos Negros”, organizado pela Quilombhoje [*coletivo cultural e editora*]. Meu livro ficou guardado por 20 anos e minha publicação individual foi só em 2003”, diz Evaristo em entrevista dada à revista Carta Capital em 13 de maio de 2017⁴. À sua condição de mulher negra, Evaristo atribui a demora em ser reconhecida e publicada,

[...] reconhecer que as mulheres negras são intelectuais em vários campos do pensamento, produzem artes em várias modalidades, o imaginário brasileiro pelo racismo não concebe. Para uma mulher negra ser escritora, é preciso fazer muito carnaval primeiro.⁵

⁴ Conceição Evaristo: “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>. Acesso em: 3 jul. 2019.

⁵ Ibid.

Um caminho de superação, de construção identitária e de reafirmação de sua história, é o que Conceição Evaristo faz em cada palavra escrita por ela, em um processo de reinvenção de si mesma e, ao mesmo tempo, de nós todas.

A importância do que vivenciamos, das histórias vividas e contadas, por muito tempo morou no espaço dado às tradições orais. É neste lugar, onde o que se conta é o que se lembra do que se viveu, que mora a *ESCREVIVÊNCIA* de Evaristo. Em *Becos da Memória* (2017), ela nos fala sobre isso.

Também já afirmei que invento sim e sem o menor pudor. As histórias são inventadas, mesmoas reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em *Becos da memória* é verdade, nada que está narrado em *Becos da memória* é mentira. Ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. Na base, no fundamento da narrativa de *Becos* está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever *Becos* foi perseguir uma *escrevivência*. Por isso também busco a primeira narração, a que veio antes da escrita. Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha (EVARISTO, 2017, p.11).

Essa “*escrevivência*” sempre permeou a minha escrita, mas até conhecer Conceição Evaristo e sua escrita eu não tinha nome para isso, apenas partia da minha imensa necessidade em externar, de alguma forma, o que se acumulada dentro de mim e me fazia perder noites e noites de sono.

Nascido em 1916, em Cuiabá, no estado do Mato Grosso. Manoel Wenceslau Leite de Barros, viria a publicar seu primeiro livro de poesias, *Poemas Concebidos Sem Pecados*, no ano de 1937. Morou no Rio de Janeiro até o ano de 1949, quando retorna ao Mato Grosso, para viver no Pantanal, administrando terras herdadas com a morte de seu pai, Influenciado, na adolescência por autores como Oswald de Andrade e Arthur Rimbaud, “autores que lhe indicariam o ponto de partida para as rebeldias que sonhara praticar” (DALANTE, 1997, p. 2). Manoel fala de sua intenção com relação à sua produção poética até então.

Não queria comunicar nada, não tinha nenhuma mensagem. Queria apenas me ser nas coisas. Ser disfarçado. Isso que chamam de mimetismo. Talvez o que chamam de animismo me animava. E essa mistura gerava um apodrecimento dentro de mim. Que por sua vez produz uma fermentação. Essa fermentação exala uma poesia física que corrompe os limites do homem... (BARROS, 1970 apud DALANTE, 1997, p. 2).

Da poesia “sobre nada”, declarada pelo poeta, onde o objeto poético era nada menos do que a observação do mundo, incluindo-se não apenas como parte dele, mas como o próprio mundo, Manoel passa a escrever também sobre suas vivências, das traquinagens da infância a

descobertas do primeiro amor, aos personagens que vão povoar e cercar de magia toda a sua obra, “crianças, lavadeiras, empregados de fazenda, bêbados, prostitutas, mendigos e loucos” (DALANTE, 1997, p. 3).

Humor, texto construído de forma extremamente coloquial, rompendo assim com a linguagem tradicional imposta. É principalmente a partir deste momento, em que a escrita de Manoel de Barros encontra com Conceição Evaristo e Anzaldúa, e onde me identifico enquanto leitora e poeta. Com poemas inspirados em suas vivências, em suas observações sobre o mundo, na desconstrução da lógica descritiva, para criar sua própria forma de ver e traduzir o seu mundo e transformar o olhar óbvio a respeito do mundo que nos cerca em olhar poético, em beleza inesperada.

O MENINO QUE CARREGAVA ÁGUA NA PENEIRA

Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino
que carregava água na peneira.

A mãe disse que carregar água na peneira
era o mesmo que roubar um vento e sair
correndo com ele para mostrar aos irmãos.

A mãe disse que era o mesmo que
catar espinhos na água
O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos.
Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos.

A mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio
do que do cheio.
Falava que os vazios são maiores
e até infinitos.

Com o tempo aquele menino
que era cismado e esquisito
porque gostava de carregar água na peneira

Com o tempo descobriu que escrever seria
o mesmo que carregar água na peneira.

No escrever o menino viu
que era capaz de ser
noviça, monge ou mendigo
ao mesmo tempo.

O menino aprendeu a usar as palavras.
Vi que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de interromper o vôo de um pássaro
botando ponto final na frase.

Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.

O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor!
A mãe reparava o menino com ternura.

A mãe falou:
Meu filho você vai ser poeta.

Você vai carregar água na peneira a vida toda.

Você vai encher os
vazios com as suas
peraltagens
e algumas pessoas
vão te amar por seus
despropósitos

(BARROS, 1999, p. 453-454).

1.3. A possibilidade de construção de um olhar poético, um reencontro com a poesia do mundo

A construção de um olhar poético parece começar pela construção de nossas próprias experiências pessoais, de um arcabouço simbólico, de como aprendemos a observar o mundo ao nosso redor, decodificá-lo, absorvê-lo, traduzi-lo e a partir disso produzir nossas impressões, questionamentos e resultados desse processo absolutamente pessoal e delicado. Para tal se faz imprescindível que esta relação seja construída desde a infância, com estímulos, oferta de conteúdos, aproximação da escola com as esferas mais fundamentais da vivência poética.

Em seu ensaio intitulado “Em defesa da poesia”, Ana Maria Lisboa de Mello, vem ressaltar a papel que a poesia deveria e poderia ter na ampliação de nossa visão de mundo e nas transformações pessoais, principalmente a partir da infância.

Em uma sociedade essencialmente pragmática, utilitária, em que as pessoas seguidamente perdem contato consigo próprias, com suas mais profundas aspirações, sufocando sua sensibilidade e, por que não dizer, negando-a, a poesia tem um espaço restrito de circulação. Quem, de hábito, lê obras poéticas? Poucos, arriscamos afirmar. Mas justamente nesse contexto empobrecedor é que a poesia deveria circular, uma vez que, entre os gêneros literários, é o que propicia ao homem a possibilidade de revelar-se a si próprio, de forma a restaurar sua relação com o mundo (MELLO, 1987, p. 22).

Já a partir da infância, recebemos estímulos poéticos, através das cantigas de roda, dos jogos de rima do cancionário popular.

Sensível aos jogos de palavras, próprios da produção folclórica (quodras, brincos, parlandas, adivinhas, cantigas de roda) a criança encontra prazer nas semelhanças e contrastes sonoros das palavras, independente de sua significação (MELLO, 1987, p. 24-25).

A linguagem poética não é óbvia, é subjetiva, mesmo na poesia concreta. A poesia tem a capacidade de produzir síntese, ao mesmo tempo em que amplia a capacidade e o alcance do discurso, é capaz de ampliar nossa capacidade de alcance da comunicação.

Por sua vez, os recursos imagéticos da poesia exigem do leitor infantil o trabalho de deciframento do texto, pois as palavras acham-se estranhamente associadas, deslocadas de seu sentido comum, fazendo com que, conforme observa Bordini, “a imaginação” seja “induzida a trabalhar criativamente, reorganizando registros de vivências usuais”(MELLO, 1987, p. 22).

A poesia de Manoel de Barros, em vários momentos, se aproxima muito deste deslocamento do sentido comum, que nos obriga a olhar de novo e organizar os sentidos para alcançar o raciocínio poético.

OS CARAMUJOS

Há um comportamento de eternidade nos caramujos.
Para subir os barrancos de um rio, eles percorrem um dia inteiro até chegar amanhã.
O próprio anoitecer faz parte de ver beleza nos caramujos.
Eles carregam com paciência o início do mundo.
No geral os caramujos têm uma voz conformada por dentro.
Talvez porque tenham a boca trôpega.
Suas verdades podem não ser.
Desde quando a infância nos praticava na beira do rio
Nunca mais deixei de saber que esses pequenos moluscos
Ajudam as árvores a crescer.
E achei que essa história só caberia no impossível.
Mas não, ela cabe aqui também.

(BARROS, 2013, p. 377).

Sobre a dureza imediata que se encontra no mundo quando se olha com um olhar pragmático, simplesmente analítico, ensinado e incentivado na educação tradicional, desde seus níveis mais fundamentais, a poesia se torna profundamente necessária, para não dizer imprescindível.

Se a poesia transfigura a linguagem comum e, através de seus recursos, suscita no ser humano a sensibilidade, de forma que seu olhar passa a contemplar a face oculta das coisas e a indagar sobre o sentido de seu estar no mundo, o texto poético é, certamente, uma ponte indispensável na relação da criança com a vida (MELLO, 1987, p. 25).

Ana Maria Mello (1987, p. 26), vem concluir que para que “essa situação seja revertida”, a retomada e inclusão dos textos da melodia poética, sejam de alguma forma reinseridas nas escolas, para que retomemos o hábito de vivenciar a poesia no nosso dia a dia, restituindo à nossas crianças e, conseqüentemente, à nossa sociedade “o direito de ‘viver poeticamente o conhecimento e o mundo’”.

Quando encontra-se neste mundo uma possibilidade de construção de um olhar poético próprio, o ser humano “comum” transcende, encontra-se consigo mesmo em uma realidade mais plena, às vezes intensa, outras vezes leve, mas, sobretudo, uma realidade muito mais interessante, onde as notícias, as desgraças, a dureza da crueldade humana coexistem com suas dores mais profundas, trazidas à tona, depuradas, consumidas, realizadas, com todos os questionamentos advindos deste estado, destas descobertas, assim como com todas as sensibilidades libertas por elas.

O olhar poético, quando desenvolvido, tem o papel libertador, transformador.

Ver a poesia na dor, nos escombros, no que não seria tradicionalmente “belo” parte de um processo de construção do olhar poético, tem a capacidade de transformar realidades e transcender. Como bem nos mostra Conceição Evaristo em seu conto “Olhos d’água” do livro homônimo.

Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada custei reconhecer o quarto da nova casa em que estava morando e não conseguia me lembrar como havia chegado até ali. E a insistente pergunta, martelando, martelando...De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusatório. Então, eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe? [...] Lembrome de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nos dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. Aquelas flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. (EVARISTO, 2016, p. 15-16).

A beleza das palavras descritas nestes trechos do conto de Evaristo, aliadas à dureza que representam, de privações e até da fome descrita, são capazes de nos transportar de forma

intensa para esta cena, vivenciar suas dores, e ao mesmo tempo nos enternecer com a poesia descrita em cada um desses momentos. A poesia tem esse poder, de acessar, de comunicar. Uma comunicação capaz de atingir o interlocutor de forma muito mais profunda, a partir de um processo de sensibilização do leitor.

Retomando o diálogo com o texto de Ana Maria Mello, eu diria, que mais do que “uma ponte indispensável na relação da criança com a vida” (MELLO, 1987, p. 25), a poesia é uma ponte indispensável para as relações humanas modernas, para a relação de cada um de nós com a vida e com a possibilidade de um olhar mais sensível, mais criativo e mais poético sobre o mundo, nos aproximando do que realmente importa, do fato de sermos seres sociais, coletivos e conectados em diversos níveis. Somos seres afetivos, afetados uns pelos outros, e uma das maneiras de construirmos estes afetos de forma mais saudável e mais plena, é através da presença da poesia, da construção coletiva de um olhar poético sobre o mundo.

Minha relação com o meu olhar poético sobre o meu mundo e sobre as minhas dores, me permitiu sobreviver a realidades que me pareciam insuportáveis. Um dos momentos mais difíceis e doloridos de minha vida foi a morte repentina de minha mãe, há pouco mais de dois anos, e surpreendentemente naquele momento, na dor inenarrável que senti naqueles dias, me percebi observando poeticamente o mundo à minha volta, as cores daquele dia, a beleza da vida vivida por minha mãe, cada toque, cada lembrança, cada palavra, todas as pessoas que choravam sua morte, e a quem ela foi capaz de tocar tão profundamente. Tudo isso me ajudou a sobreviver, com uma serenidade que nem eu mesma sabia ser capaz.

SOBRE ABISMOS E ASAS

A vida, de surpresa
Passa a rasteira, atira no abismo
Sem aviso ou tempo pra ensaio.
A saída é improvisar.
No meio da queda,
No meio do susto,
Ainda no ar,
Abrir as asas
E aprender a voar.

(PIETROBON).

1.4. A poesia e a internet–Maior alcance, novos usos e visibilidade ampliada

Há alguns anos, temos visto o surgimento de novos espaços de produção e difusão literária. *Blogs*, páginas de Facebook e Instagram, até mesmo canais do YouTube e de outras plataformas ganham força e potencializam os encontros criativos na área.

Quem hoje ainda é capaz de navegar de forma livre e curiosa pelas infovias, com olhos particularmente interessados em literatura, já percebeu que a vida literária – que no século XIX e início do século XX se alimentava de grupos, debates, polêmicas, críticas, interesses, fofocas e textos no circuito que era formado pelos salões, jornais, cafés e casas editoriais (cf. Bourdieu, 1992) – migrou de modo definitivo para a internet. Na sua feição de vida total, na qual temos a sobreposição de espaços antes disciplinarmente separados como escola, trabalho, casa, rua, café, livraria, biblioteca, editora, etc., a internet é capaz de comportar diferentes grupos e perfis de interessados em poesia, fazendo-a voltar a ocupar um lugar no mundo literário (ORNELLAS, 2013, p. 82).

Porém, o gênero literário continua sendo o de menor interesse e apelo no mercado editorial, com pouco espaço para os novos nomes, e pouca procura nas livrarias, o que diminui mais ainda o interesse das editoras em investir neste gênero, principalmente quando se trata de novos escritores desconhecidos do grande público.

Apesar disso, o movimento poético e literário nas redes, só cresce. E a poesia toma um lugar no cotidiano de muitas pessoas. Uma parte da poesia produzida para estes ambientes, segue sendo uma forma “menor” de poesia, meramente estética, com imagens poéticas produzidas a partir de retalhos de poesias, trechos, que são difundidas nos *sites* de redes sociais como um “bom dia”, porém, este tipo de ação é capaz de despertar interesse pelo assunto, e começa a criar uma ampla rede de “espaços poéticos” digitais, onde o debate, a troca, os encontros literários ganham potência e criam novos leitores.

São blogs de jornalistas literários, de editores, de escritores, de leitores, de professores e de pesquisadores tratando de absolutamente todos os assuntos relativos ao campo e mesclando seus diversos pontos de vista numa babel virtual. Além disso, há revistas literárias de vários tipos, das mais amadoras às mais academicamente especializadas, múltiplos sites e redes sociais como Twitter e Facebook, que cometem o feito de conseguir — como se fosse um grande e permanente evento literário — com que todos se encontrem e se comentem. E muitas vezes briguem (ORNELLAS, 2013, p. 82).

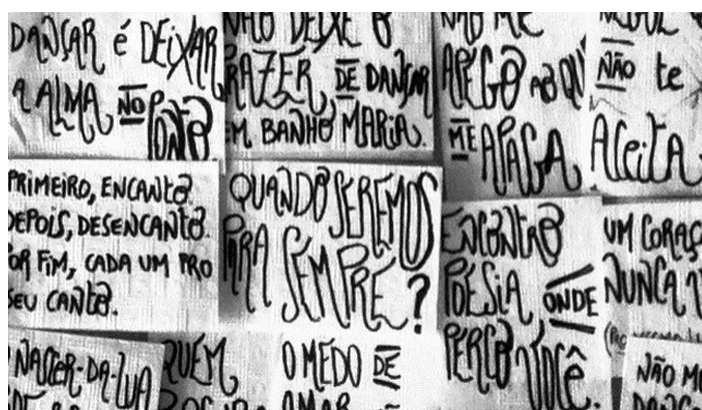
A produção literária e poética nas redes, a princípio, se vale da rapidez da difusão dos conteúdos, e pouco se utiliza de técnicas para o aprofundamento do discurso, até por seu caráter superficial e passageiro, intensamente praticado por seus utilizados, porém, aos poucos e cada vez mais, a produção de conteúdos diferenciados, inovadores e dos debates suscitados por ela, vêm sendo incentivado e vem crescendo nas redes.

Antes da internet, portanto, o campo literário parecia verdadeiramente destinado à marginalidade e estigmatização, pois a sua constituição no século XIX, forjada com a ideia de uma autonomia estética, levou sobretudo poetas, mas não apenas eles, a acreditar na autossuficiência do seu discurso em relação aos valores e instituições sociais e mercadológicas. Hoje o campo literário transforma-se com as mudanças tecnoculturais. Não que

tenha abandonado completamente a ideia de autonomia estética e literária, mas, se podemos dizer que a internet é o que melhor representa a hipercomplexidade da cultura contemporânea, isso pode ser observado também facilmente no próprio modo como a produção literária nela se reconfigura (ORNELLAS, 2013, p. 82).

Já no ano de 2012, um fenômeno poético surgia nos *sites* de redes sociais, especificamente no Facebook. Pedro Antônio Gabriel Anhornr, resolve começa a rabiscar e desenhar seus poemas em guardanapos dos bares onde frequenta, criar um personagem, e postar nas redes. Surge então o “Eu me chamo Antônio”. Em menos de um ano conseguiu mais de 300 mil seguidores.

Figura 1 – Poemas em guardanapos



Fonte:Contém OH!⁶

Este movimento se assemelha a um movimento marginal poético que acontecia, antes da ampla visibilidade oferecida pela internet.

No início dos anos [19]80, Paulo Leminski espalhava graffiti pela cidade de Curitiba e justificava: “só numa esquina bem movimentada, umas quinze mil pessoas por dia podem ler um graffiti. Qual o poeta no Brasil, atualmente, que consegue tantos leitores em livros?”. Octavio Paz, em um ensaio chamado “Balanço e Prognóstico” sobre a situação da poesia no final do século XX, comentava sobre a resistência ao mercado através das pequenas editoras e revistas literárias e sobre um grande número de leitores potenciais de poesia, muito deles que também escreviam poemas e não conseguiam publicá-los. Estes leitores potenciais parecem explicar em parte o sucesso dos blogs de poesia na internet (TEIXEIRA, 2006, p. 149).

Um movimento inverso que vem sendo cada vez mais comum no mercado editorial, acontece atualmente, poetas de grande sucesso na internet, nos *sites* de redes sociais e *blogs* de poesia vêm sendo convidados a lançarem seus livros. Isso aconteceu com Pedro, dos guardanapos poéticos de “Meu nome não é Antônio”, através de seu sucesso nas redes,

⁶ Disponível em: <http://contemoh.ig.com.br/guardanapos-cheios-de-amor-conheca-o-projeto-eu-me-chamo-antonio/>. Acesso em: 3 jul. 2019.

acabou sendo convidado a publicar um livro seu, pela editora Intrínseca. O livro acabou sendo publicado no ano de 2014.

Temos outros exemplos desse movimento inverso, aconteceu também com Isaias Magiezi Junior, que produz pequenas poesias, as “imprime” utilizando sua antiga máquina de escrever, fotografa e posta em suas redes sociais. Fizeram tanto sucesso e foram tão compartilhadas, que Magiezi pode largar um cargo administrativo, onde trabalhava e se dedicar totalmente à carreira literária. Chegou a ter mais de 50 mil seguidores. Foi então, procurado por uma editora, com proposta de publicação, para que lançasse seu primeiro livro.

Figura 2– Poesia de Isaias Magiezi Junior



Fonte: Pinterest.⁷

Segunda a revista digital, TAB, “Hoje, Magiezi reúne um milhão de seguidores no Instagram, mas de 600 mil no Facebook e três livros publicados...”⁸.

Casos similares acontecem também com nomes já consagrados como Fabrício Carpinejar, que se utiliza de suas redes sociais para potencializar suas publicações.

[...] depois de proclamado de diversas formas e em diversas épocas o desinteresse pela leitura literária e a morte da poesia, eis a internet propiciando o retorno com força de uma nova geração de escritores, poetas e leitores para as “epifanias” e debates estéticos. Mostra-se assim que a poesia ainda pode seduzir leitores, como comprova o exemplo de Fabrício Carpinejar, cujo inteligente uso do Twitter, de Blogs e do Facebook ajuda a

⁷ Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/289285976057221334/?lp=true>. Acesso em: 4 jul. 2019.

⁸ Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2019/06/11/instagram-cria-geracao-de-poetas-das-telas.htm>. Acesso em: 4 jul. 2019.

vender seus livros de poemas, alguns em terceira edição — nos levando a concluir, a contrapelo dos editores, que poesia pode sim vender (ORNELLAS, 2013, p. 81-82).

Por sentir a necessidade de reconexão, de expressão e superação das minhas próprias angústias, de tradução do mundo que vejo, de cada maneira específica que coisas, pessoas, fatos, momentos, objetos, afetam nosso olhar e maneira de sentir o mundo, e por perceber como esta visão pode ser peculiar e o quanto, normalmente é recebida como surpreendente, como uma maneira diferente de ver as coisas, como uma tradução do que sentimos mas não sabemos expressar, é que resolvi realizar este projeto e publicar este livro. Afinal, a forma como a poesia lida com questões e ideias como nossas dores e amores, ajuda-nos a lidar com essas dores, com esses amores e a sobreviver a eles.

A poesia, para mim, é bem mais do que escrever coisas bonitas, é uma maneira de ver a vida de forma mais clara, de vivenciá-la, onde as dores e obstáculos nos servem para enxergar além e para entendermos o que viemos fazer neste mundo. Visualizar que todos os caminhos são necessários na construção de quem somos e de quem queremos nos tornar, e que cada beleza com que esbarramos por esses caminhos é uma oportunidade de recarregar as baterias. Minha poesia tem como objetivo, mergulhar e transcender, rasgar o peito, viver tudo o que me afeta, de forma intensa e verdadeira, inclusive a dor, a catástrofe, a perda, e transformá-la em beleza. E para sermos capazes de trazer para nossas vidas esta maneira inusitada de ver o mundo e os fatos, precisamos estimular em cada um de nós a construção e formulação de um olhar poético, absolutamente particular a cada um, assim como são os olhares, e capaz de ampliar horizontes.

O SENTIR, SÓ!

Sentimento indistinto
Guardado no olho
Alijado do verbo
Como garoa no estio

Sentimento tão terno
Vestido de horas
Dançando no tempo
Entre o chegar e ir embora

Sentimento sereno.

Claro como observação atenta
Construído de pequenos momentos
Das lembranças inventadas
De um tempo sem memória.

Posto em silêncio

Lindo como poderia ter surgido
Suave como o passar do tempo
Angustiante como nunca ter sido

Sentir assim, tão intenso
Tão quieto como nascem tempestades
Frustrante como plantar desejos
Doloroso como colher saudades.

(PIETROBON).

Por todas essas questões, resolvi publicar esse livro, física e virtualmente, para que possa, através do olhar particular que fui capaz de construir sobre o mundo, sobre cada um dos obstáculos que consegui ultrapassar, sobre cada beleza que vi ou que construí a partir dos meus escombros, possa ser acessada e traduzida por quem quiser se identificar com o que “digo”.

2. PROJETO

2.1. Apresentação

O fato é que publicar poesia sempre foi um ato de resistência cultural, que atende um público pequeno, porém cativo. “Estamos falando daquele que talvez seja o gênero literário mais antigo. Enquanto a humanidade estiver por aqui, a poesia existirá”, diz Pascoal Soto, diretor editorial da Leya (GODOY, [201-?]).

“O respirar que urge” é um projeto para a realização da montagem, editoração, edição e lançamento do primeiro livro de poesias de Mariana Pietrobon. Dentro do projeto está a edição do livro físico, com textos, poesias e imagens fotográficas, o *site* com o livro completo, textos extras e comentários sobre cada um dos textos.

A proposta é construir um livro de vivências, em que através de textos, poesias e imagens fotográficas autorais, será compartilhado um olhar particular e absolutamente pessoal da autora, com o intuito de convidar o leitor a fazer das histórias aí presentes as suas próprias, de fazer de suas vivências, material para a vivência que essa leitura pretende provocar, um passeio por sentimentos, por olhares, observações e questionamentos sobre o mundo, sempre buscando com isso, e com a construção de um olhar mais poético sobre a vida, uma compreensão mais ampla, complexa e positiva do universo.

A proposta aqui, é fazer com que a primeira edição desse livro seja, além de uma experiência de leitura, uma experiência do olhar, o incentivo à construção de um olhar criativo mais aguçado, onde cada leitor possa mergulhar, vivenciar, absorver e construir a sua própria experiência com o livro de que é portador e de cada uma de suas poesias.

2.2. Objetivo principal

- Montar, editar, editar e lançar o primeiro livro de poesias e imagens fotográficas de Mariana Pietrobon, assim como criar e lançar um *site* com todos os textos e imagens criados para o livro, assim como conteúdo inédito.
- Incentivar à construção de um olhar poético, de uma outra maneira de ver o mundo através desse olhar, desses textos e dessas imagens.
- Incentivar o consumo de poesia.
- Dar acesso, através do *site* a ser lançado, ao livro completo, à novos textos e imagens e aos processos de produção deste livro.

2.3. Objetivos específicos

- Editar 1(um) livro, com tiragem inicial de 500 cópias.
- Lançar 1(um) *site* de poesias.
- Criar 1(um) perfil do Instagram, 1(um) página do Facebook, para compartilhamento de textos, imagens.

2.4. Justificativas

O gênero poético sempre foi um gênero pouco valorizado no mercado editorial, com raras exceções para nomes consagrados como Fernando Pessoa e Carlos Drummond de Andrade, a poesia sempre transitou em um mercado editorial praticamente inexistente, mercado dito “marginal” até mesmo por editores mais experientes (GODOY, [201-?]), e pouco valorizado enquanto parte de uma indústria cultural literária.

Não à toa, os livros mais vendidos do gênero são de autores mortos ou de idade mais avançada (Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Manuel Bandeira, Fernando Pessoa, João Cabral de Melo Neto, Manoel de Barros, etc.). “Os poetas falam das coisas do mundo de um jeito diferente, por isso muitos deles acabam sendo aclamados só pelas gerações seguintes a sua(GODOY, [201-?]).

Segundo Sandra Reimão (1996), dos cem títulos mais vendidos na década de 1980, pouco mais de 20% era de literatura brasileira, e menos de 10%, destes 20%, eram livros de poesia.

Com o advento da internet e das variadas possibilidades criadas pelas múltiplas plataformas virtuais, a poesia e a frase poética, vem ganhando força no Brasil, principalmente nos últimos 2 anos (TEIXEIRA, 2006, p. 149) conquistando novos nichos de mercado.

Boa parte da produção mais recente de poesia brasileira chega hoje diretamente aos *blogs* muitas vezes antes de passar pelas revistas literárias e pode ser portanto informação valiosa para o leitor de poesia atento (TEIXEIRA, 2006, p. 150).

A criação desses novos canais de comunicação vêm impulsionando o consumo e as trocas poéticas virtuais e atraindo o interesse de um número bem grande de pessoas, tornando-se, desta forma, segundo Marcelo Diniz, em dossiê sobre poesia contemporânea recentemente

publicado pela revista Cult⁹, um espaço constante de experimentação da escrita no Brasil, principalmente da escrita poética.

Cabe, no entanto, também destacar outras iniciativas que vêm surgindo no espaço virtual nos últimos anos e que têm trazido propostas inovadoras. São novos canais poéticos digitais que trazem conteúdos mais complexos, utilizando não apenas a criação poética em si, mas entrevistas, interpretação de poemas clássicos até a articulação entre poesia autoral e outras linguagens, como o canal TODA POESIA, no YouTube, onde são produzidos vídeos com pessoas anônimas, que desejam recitar desde obras poéticas de autores muito conhecidos até as poesias autorais ou de poetas novos e desconhecidos. Como está na descrição do canal: “Qualquer que seja o texto, desde um autor consagrado a uma poeta que ainda não teve coragem de ser lida por ninguém, o Toda Poesia é para você. Para nós, tudo é poesia e toda poesia nos interessa”.¹⁰

Por conta de toda esta movimentação nas redes de conteúdo literário, percebo que, mesmo neste mundo conectado e extremamente veloz, ainda existe espaço para a poesia e, cada vez mais, para a sua proliferação.

Hoje o campo literário transforma-se com as mutações tecnoculturais. Não que tenha abandonado completamente a ideia de autonomia estética e literária, mas, se podemos dizer que a internet é o que melhor representa a hipercomplexidade da cultura contemporânea, isso pode ser observado também facilmente no próprio modo como a produção literária nela se reconfigura. De um lado, são inúmeros os artistas que já entenderam essa lógica hipercomplexa e começam a construir obras em fortíssimo diálogo com ela, fundindo formas de criação artística às novas tecnologias da informação e confundindo habilidosamente arte, divulgação e marketing pessoal, tudo interconectado pela internet como grande plataforma(ORNELLAS, 2013, p. 82-83).

Vivemos em tempos acelerados, em que o universo cibernético e seus múltiplos canais e possibilidades, acabam por nos envolver quase que o tempo todo, onde o excesso de informações é a regra e em sua grande maioria, essas informações nos chegam de forma superficial, intensa e invasiva. Por isso, devido à grande quantidade de conteúdos a que temos acesso quase que incessantemente, acabamos condicionados a enxergar ou o que já estamos acostumados a ver, o que nos é natural, ou o que, de forma mais intensa e agressiva, nos salta aos olhos. Sobra pouco espaço para o olhar poético, para a sutileza, para o silêncio

⁹ Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/virando-as-latas-do-contemporaneo/>. Disponível em: 4 jul. 2019.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/projetotodapoesia/about>. Acesso em: 4 jul. 2019.

contemplativo ou o aprofundamento em questões menos urgentes e mais essenciais, para a poesia do mundo, porque este mundo em escolhemos viver nos pede pressa, o tempo todo.

O sufocante do mundo hoje, este mundo virtual onde vivemos, é que tudo o que nos alcança diariamente, quer determinar a maneira como vamos agir, como devemos parecer, de que forma devemos nos comportar, o que consumir, e na maior parte do tempo aceitamos, sem questionar.

Vivemos em corpos que foram treinados para obedecer, construídos para consumir, para possuir, ostentar, competir, para parecer o que fomos educados a parecer, tudo isso vai matando a poesia, ou tentando matá-la em nós.

PAIXÃO

De vez em quando Deus me tira a poesia.
Olho pedra, vejo pedra mesmo.
O mundo, cheio de departamentos, não é a bola bonita caminhando
solta no espaço.

(PRADO, [19--]).

Novas práticas poéticas podem também ser pensadas como essa tentativa de reconexão que vimos assistindo acontecer. A poesia é certa, ela é capaz de ampliar a linguagem, a visão de mundo, trazer beleza e novas possibilidades. Envolver o leitor/receptor nesse processo se torna fundamental para que a poesia, de fato, se efetive.

Neste momento em especial, e apesar de toda a dificuldade encontrada em tornar o gênero poético atrativo e vendável no mercado editorial, e a partir de toda a potência que a poesia ganhou com os novos meios digitais para a difusão da literatura como um todo, começamos a ver o movimento contrário, ainda tímido, acontecendo, autores e editoras incentivando a produção e lançamento de livros físicos, a partir de conteúdos digitais, em um processo de revalorização da experiência da leitura a partir do objeto “livro”.

A poesia publicada em livro nos últimos anos está, na verdade, sofrendo uma forte reterritorialização pela migração do campo literário para a internet, tanto no que respeita às negociações entre os diversos atores em cena quanto no que respeita às formas de atualização que na Web são possibilitadas enquanto potências virtuais em blogs, redes sociais, *e-books*, revistas, sites, diálogo de linguagens artísticas etc. Assim, do processo que caminhou do livro à internet, percebe-se hoje que – pelo menos no mundo altamente livresco da literatura – uma sutil inversão do fluxo: formas passam da internet para o livro, atualizando a literatura (ORNELLAS, 2013, p. 86-87).

Por sentir a necessidade de reconexão, de expressão e superação das minhas próprias angústias, de tradução de mundo que vê, de cada maneira específica que coisas, pessoas, fatos, momentos, objetos, afetam nosso olhar e maneira de sentir o mundo, e por perceber como esta visão pode ser peculiar e o quanto, normalmente é recebida como surpreendente, como uma maneira diferente de ver as coisas, como uma tradução do que sentimos mas não sabemos expressar, é que resolvi realizar este projeto e publicar este livro. Afinal, a forma como a poesia lida com questões e ideias como nossas dores e amores, ajuda-nos a lidar com essas dores, com esses amores e a sobreviver a eles.

[...]

Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralisem os negócios,
garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor

(ANDRADE, 1978, p. 14-16).

A construção deste olhar poético vai partir de uma vivência pessoal e intransferível, de experiência, de observação, e principalmente, do acesso ao texto, da abstração literária, onde se aprende a ter a capacidade de visualizar o dito, o lido, o expressado, e de transformá-lo em imagem mental e, por fim, em poesia. Isto se dá, não a partir de uma pretensão arrogante de que eu, ou nós poetas, temos a fórmula mágica para a vida das pessoas, muito menos a proposta de alienação delas diante da feiura que se impõe todos os dias em cada ato, cada consequência, em cada esquina. O olhar poético constrói-se apesar dessa dureza, dos escombros e vilanias do mundo e desta sociedade capitalista egóica onde vivemos, ele é construído a partir da prática de construção de beleza, da educação de um olhar sensível à beleza, ainda que ela venha vestida de horror.

Neste meu processo de construção poética e de um olhar poético sobre o mundo, percebo minha escrita como uma necessidade de conexão com uma dimensão maior, poética, com a reconexão interna, com o que me toca e fortalece. E me proponho a dividir esta experiência com quem aceitar “me ler”. É um “respirar, que urge”, um ar possível, um caminho para que reencontremos esta conexão. Para que encontremos Beleza. Assim mesmo,

com B maiúsculo mesmo. É um “tá tudo bem”, “ainda existe Beleza”, um “olha pro céu meu amor, vê como ele está lindo”, de Luiz Gonzaga.

Por todas estas questões, resolvi publicar este livro, física e virtualmente, para que possa, através do olhar particular que fui capaz de construir sobre o mundo, sobre cada um dos obstáculos que consegui ultrapassar, sobre cada beleza que vi ou que construí a partir dos meus escombros, possa ser acessada e traduzida por quem quiser se identificar com que “digo”.

MAR PORTUGUÊS

Valeu a pena?

Tudo vale a pena, se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do bojador
tem que passar além da dor.

Deus, ao mar, o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

(PESSOA, [1959?]).

2.5. O livro

O livro *O respirar que urge*, será um livro físico, composto por textos, poesias e vivências poéticas construídas e compiladas por mim no decorrer dos meus 41 anos de vida, além de textos e poesias inéditas, criados especialmente para este livro e imagens, fotos capturadas por mim dos meus caminhos, do meu olhar singular sobre o mundo, e também impressas nestes caminhos, integradas às paisagens, as poesias. Um grafite, um poema rabiscado na areia, uma frase poética impressa sobre uma folha seca, a construção de imagens poéticas vivas, pelos caminhos que cruzarem com minhas palavras.

O livro físico será construído, editado e lançado em um evento especial, onde a proposta é a sensibilização do olhar de cada convidado.

Ao mesmo tempo em que produziremos o livro físico, objeto poético que qualquer um poderá adquirir e levar para casa, produziremos um livro virtual, uma página de poesias, homônima ao livro (*O respirar que urge*), digitalmente acessível, com todas os textos e imagens presentes no livro, mas também com postagens periódicas, de novos poemas, textos e imagens poéticas produzidas para ele.

2.6. O lançamento

O lançamento tem por foco trazer as pessoas para este mundo das pequenas belezas, através de ações poéticas. Será um evento, com experiências táteis, gustativas, auditivas, com comidas, músicas, objetos, textos, leituras poéticas e improvisos, fazendo deste momento, uma experiência poética, mais do que simplesmente o lançamento de um livro.

2.7. Estratégias de ação

- Compilação de textos e poesias para a edição do livro.
- Produção de imagens para edição do livro.
- Captação de Recursos.
- Produção de textos e poesias inéditas para esta edição do livro.
- Contratação de Designer Gráfico para editoração e do projeto gráfico do livro.
- Contratação de Web Designer para construção do site.
- Design e manutenção de Facebook, Instagram e outras plataformas digitais.
- Design de materiais gráficos digitais para a divulgação *online* do lançamento.
- Contratação de gráfica para impressão dos livros.
- ISBN.
- Impressão dos livros.
- Divulgação Digital: Mídias Sociais etc.
- Locação espaço para lançamento.
- Contratação de buffet.
- Locação de equipamentos de som e luz.
- Lançamento do livro físico.
- Lançamento *online* de todas as plataformas digitais.

2.8. Captação de recursos

A captação de recursos será realizada através de campanha de *Croudfunding*, divulgada em todas *ossites* de redes sociais, e disponível para adesão por até três meses.

2.9. Retorno aos investidores

- Investimentos de R\$ 20 a R\$ 99 reais.
 - Agradecimento nominal no *site* e no livro físico.
- Investimento de R\$ 100 a R\$ 300 reais.

- Agradecimento nominal no site e no livro físico.
- O recebimento de um livro *O respirar que urge*.
- Investimento de mais de R\$ 300 reais.
 - Agradecimento nominal no *site* e no livro físico.
 - O recebimento de um livro *O respirar que urge*.
 - Produção de uma poesia exclusiva para você ou para alguém a quem você deseje presentear.

2.10. Orçamento

O RESPIRAR QUE URGE					
ITEM	NUMERO	UNIDADE	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO	TOTAL
Produção material inédito	1	pró-labore	1	2000	2000
Designer Gráfico (livro)	1	projeto	1	2500	2500
Web Designer (site)	1	projeto	1	2500	2500
Mídias sociais	1	pró-labore	1	1000	1000
Design gráfico (material gráfico digital)	1	pró-labore	1	400	400
ISBN, código de barras e cadastramento	1	serviço	1	249	249
Impressão (livros)	1	impressão	500	15	7500
Locação espaço (lançamento)	1	locação	1	1500	1500
Cattering.	1	serviço	1	1200	1200
Som e luz. (com operadores)	1	locação	1	1500	1500
TOTAL					20349

2.11. Cronograma

Mês de Início das atividades	AGOSTO	DURAÇÃO EM QUANTIDADE DE MESES					
ATIVIDADES	1º mês	2º mês	3º mês	4º mês	5º mês	6º mês	
Compilação de textos e poesias							
Produção de imagens							
Captação de Recursos (<i>Croudfunding</i>)							
Produção de textos e poesias inéditas							
Contratação de Designer Gráfico							
Contratação de Web Designer (<i>site</i>)							
ISBN							
Design e manutenção plataformas digitais							
Lançamento plataformas digitais							
Contratação de gráfica para impressão dos livros							
Divulgação Digital (Mídias Sociais)							
Design de materiais gráficos digitais (lançamento <i>online</i>)							
Impressão dos livros							
Divulgação Digital (mídias Sociais)							
Locação espaço (lançamento)							
Contratação de buffet							
Locação de equipamentos de som e luz							
Lançamento <i>online</i> (plataformas digitais)							
Lançamento (livro físico)							
Entrega das recompensas							

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. Tradução: Édna de Marco. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
- BARROS, Manoel de. **Exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.
- BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2013.
- COSTA, Claudia de Lima; ÁVILA, Eliana. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o “feminismo da diferença”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 691-703, set./dez. 2005.
- DALANTE, Sérgio. Manoel de Barros: uma poética do estranhamento ou o encantador de palavras. **Polifonia**, Cuiabá, n. 3, p. 1-13, 1997.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro: Pallas/Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- GODOY, Omar. **Especial Poesia – Mercado Editorial – Poesia vende (mas pouco)**. [201-?]. Disponível em:
<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>. Acesso em: 4 jul. 2019.
- HISTÓRIA do clown (palhaço). Disponível em:
<http://elisparra.blogspot.com/2010/06/historia-do-clown-palhaco.html>. Acesso em: 3 jul. 2019.
- MELLO, Ana Maria Lisboa. Em defesa da poesia. **Perspectiva**, n.9, p. 22-26, 1987.
- ORNELLAS, Sandro. Poesia.net: quatro apontamentos sobre literatura e internet. **Percursos**, v. 1, n. 1, p. 53-61, 2013.
- PESSOA, Fernando. **Mar português**. [1959?]. Disponível em:
<http://www.fpessoa.com.ar/poesias.asp?Poesia=002>. Acesso em: 4 jul. 2019.
- PRADO, Adélia. **Paixão**. [19--]. Disponível em:
<http://pbondaczuk.blogspot.com/2012/09/paixao-por-adelia-prado-d-e-vez-em.html>. Acesso em: 4 jul. 2019.
- PIETROBON, Mariana. **A bruxa da casa ao lado**. Em fase de elaboração.
- PIETROBON, Mariana. **O respirar que urge**. Em fase de elaboração.
- REIMÃO, Sandra. **MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO, 1960-1990**. São Paulo: COM-ARTE FAPESP, 1996.

TEXEIRA, Virna. Pós-modernidade na rede: a poesia brasileira no século XXI. **Cadernos de Letras da UFF**, nº 32, 2006.